

# RUGBY

MAGAZINE

Abril 1993

Federação Portuguesa de Rugby

Nº 1



**TUDO SOBRE O NACIONAL**

**PORTUGAL EMPENHADO  
EM VÁRIAS FRENTE**

# Apoiamos as grandes realizações



Os TLP ganham em eficiência, rigor e dinamismo. A equipa responsável pelas Telecomunicações de Lisboa e Porto apostam numa linha de grandes realizações e apoiam elites jovens e dinâmicas. É essa a força e linha de futuro dos TLP - ao dar apoio à Seleção Nacional de Râguebi, e estimular um forte dinamismo criando condições para a vitória das grandes realizações.



Telefones de Lisboa e Porto, SA

## RUGBY MAGAZINE

Abril 1993 Federação Portuguesa de Rugby Nº 1



### FICHA TÉCNICA:

**Director:** Luís Claro. **Conselho Editorial:** Raul Martins, António Santos Serra, Luís Penha e Costa **Director Comercial e de Produção:** Duarte Ferreira **Redacção, Propriedade e Administração:** Federação Portuguesa de Rugby **Distribuição:** Federação Portuguesa de Rugby **Realização Gráfica:** Tipografia Jerónimus, Lda. **Periodicidade:** quadrimestral **Tiragem:** 1500 exemplares

## RUGBY MAGAZINE

### SUMÁRIO:

**CAMPEONATO NACIONAL**  
Pág. 2

**CAMPOS — UMA NOVA REALIDADE**  
Pág. 12

**ANDREW CUSHING  
FALA DO RUGBY NACIONAL**  
Pág. 14

**A ACTIVIDADE INTERNACIONAL DA SELECÇÃO**  
Pág. 16

**TODOS OS RESULTADOS DA SELECÇÃO SENIOR**  
Pág. 20

**O QUINZE DO ANO**  
Pág. 22



Raul Martins  
Presidente da Federação  
Portuguesa de Rugby.

# EDITORIAL

A publicação de uma revista exclusivamente dedicada ao Rugby, tem como objectivo principal a divulgação dos acontecimentos mais importantes da actividade nacional e internacional do Rugby Português, completando a informação da comunicação social.

O desenvolvimento do Rugby em Portugal teve um forte impulso entre 1976 e 1980, tendo atingido a nível internacional lugar de destaque por três vezes nas décadas de 60 e 80 e na época de 1991/92 ao subir de novo ao Grupo A do Campeonato de Séniores da F.I.R.A..

O número de praticantes nas últimas duas décadas diminuiu e actualmente não ultrapassa os 2600, e o número de campos para a prática do Rugby é de 9, quando deviam ser no mínimo 20.

A actual Direcção da F.P.R. tem o objectivo de duplicar o número de praticantes nos próximos quatro anos, e aumentar a quantidade e qualidade de campos através do protocolo celebrado com o Ministério da Educação Nacional.

Queremos pôr o Rugby no lugar de destaque que merece no Desporto Nacional.

Para isso precisamos de ti! Muitos estão a dar o seu melhor à frente da Federação e dos Clubes de Rugby, outros poderão ajudar se conhecerem o nosso projecto.

Muitos com maior ou menor assiduidade praticam este jogo cheio de virtudes a exemplo do melhor companheiros e do mais puro amadorismo.

Para tornar possível a elaboração desta revista contamos em especial com o patrocinador oficial da Selecção Nacional de Seniores e da própria Federação, que são os TLP-Telefones de Lisboa e Porto, S.A. Mas contamos também com a tua participação através de sugestões, artigos ou simplesmente da indicação de um antigo jogador que gostasse de receber a revista do seu desporto preferido. Não é só ao Estado que cabe a promoção do Desporto. É sobretudo aos praticantes e a quem acredite nos benefícios de implantar o Rugby em todo o País.

Vamos relançar o Rugby em Portugal!

Contamos contigo...

## FASE DE APURAMENTO

### BASTANTE RENHIDA

A fase de apuramento do campeonato que agora terminou foi mais renhida do que à partida se poderia julgar.

Este campeonato, que se disputou com esta configuração pela última vez, demonstrou haver um equilíbrio muito grande entre todos os "quinzes" do rugby nacional.

O sorteio para esta fase foi à semelhança de épocas anteriores condicionado pela classificação final do campeonato de 91-92.

As equipas ficaram divididas em três séries, e agrupadas da seguinte forma:

**SÉRIE A** — Benfica, Técnico, Agronomia, e CDUP;

**SÉRIE B** — CDUL, Belenenses, Direito e UTAD;

**SÉRIE C** — Cascais, Académica CRAV e Lousã

O facto de os seis clubes apurados para a fase final do campeonato terem sido os mesmos do campeonato de 91-92, não invalida que neste apuramento de 92-93 não tivesse havido grande luta e emoção em todas as séries.

Aconteceu mesmo ter havido clubes que ganharam partidas que ninguém esperava, contrariando as

expectativas mais optimistas do equilíbrio e interesse competitivo desta fase, e desta fórmula de campeonato.

### "HISTÓRICOS" PERDEM JOGOS IMPENSÁVEIS

As vitórias do CRAV (Clube de Rugby de Arcos de Valdevez), em Coimbra frente à Académica, e da UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) perante Direito, são disso prova cabal.

Durante toda esta fase só dois "quinzes" não conheceram o sabor da vitória, a Lousã e o CDUP.

Este facto não foi impeditivo de a Lousã ter feito uma fase final no Grupo B, a todos os títulos notável. Durante todo o apuramento só o Cascais, campeão nacional em 91-92, teve uma carreira totalmente vitoriosa, somando por vitórias os jogos realizados.

Todas as outras equipas perderam pontos e jogos.

Nos quarenta e oito jogos que comportou o apuramento só se verificaram nove resultados bastante desnivelados, tendo o Cas-

cais sido responsável por cinco desses confrontos em que o desequilíbrio foi a nota dominante.

### CASCAIS PASSEIA A SUA SUPERIORIDADE

A vitória mais expressiva veio a verificar-se na série A, e coube ao Benfica que "cilindrou" o CDUP por 130-3.

Como nota final desta apreciação geral, e comparando com idêntica fase do nacional de 91-92, só o Cascais teve o mesmo índice de aproveitamento.

Os dois primeiros classificados das outras séries de 91-92, CDUL e Benfica, tinham-nas ganho invictas. Esta temporada perderam jogos, e nenhum deles saiu vencedor dos seus grupos.

### CDUL E BENFICA NÃO VENCERAM OS SEUS GRUPOS

Analisemos minuciosamente o que se passou grupo a grupo.

## — SÉRIE A

### SÉRIE A:

#### TÉCNICO APURA-SE NO ÚLTIMO MINUTO

Na série A jogaram Benfica (2º em 91-92), Técnico (4º em 91-92), Agronomia (7º em 91-92) e CDUP (subiu à primeira divisão em 92-93). Os candidatos ao apuramento para a fase final eram Benfica e Técnico, facto que se veio a verificar embora ambos os clubes tenham passado por vários precalços durante o apuramento. Logo na primeira jornada o Técnico impôs um empate ao Benfica a 13 pontos, demonstrando que a evolução verificada em 91-92 era uma realidade, e que só a vitória lhe interessava neste grupo.

Realce-se que os encarnados dominaram e remeteram o seu adversário até à sua área de 22 durante toda a segunda parte, mas nunca tiveram engenho para ultrapassar a bem organizada defesa dos engenheiros.

Na segunda jornada o Benfica derrotou Agronomia com alguma facilidade, enquanto o Técnico venceu no Porto com muita dificuldade. Na terceira e última jornada da 1ª volta Agronomia causou sensação ao vencer o Técnico sem apelo nem agravo por 17-6.

Vem a segunda volta, que dita a vitória dos engenheiros sobre os encarnados por 25-18, o que demonstrava a real crise para que o Benfica se encaminhava, e que levou à dispensa do seu treinador sul-africano.

### BENFICA EM DIFICULDADES

Esta vitória foi um tónico para o Técnico, já que era a primeira em vários anos sobre o Benfica, pondo ponto final de uma longa travessia do deserto feita pelos engenheiros na última meia dúzia de anos. O Agronomia-Benfica da penúltima jornada tornava-se decisivo para o clube da Luz. Em caso de derrota estava irremediavelmente no grupo B, o que era impensável para um clube que foi vice-campeão nacional em 91-92.

O Benfica dominou e controlou o jogo, batendo os agrónomos por 17-0, curiosamente o mesmo resultado verificado na primeira volta.

## AGRONOMIA A UM PASSO DO APURAMENTO

Tudo se decidiria no tocante ao segundo clube apurado no Técnico-Agronomia da última jornada.

A equipa da Tapada esteve prestes a conseguir o apuramento, já que a cinco minutos do fim da partida vencia por 8-5.

Apesar disso e dando côr a um domínio territorial intenso o Técnico marcou um ensaio mesmo no fim do encontro, garantindo a vitória, o apuramento e o 1º lugar na série. O CDUP ficou desde cedo arredado dos primeiros lugares, tendo no entanto feito alguns bons jogos, só manchando a sua participação no apuramento com aquele descalabro frente ao Benfica.



CDUP — a grande decepção do nacional.

### TODOS OS RESULTADOS

| SÉRIE A   | BENFICA | TÉCNICO | AGRONOMIA | CDUP  |
|-----------|---------|---------|-----------|-------|
| BENFICA   |         | 18-25   | 17-0      | 130-3 |
| TÉCNICO   | 13-13   |         | 10-8      | 46-0  |
| AGRONOMIA | 0-17    | 17-6    |           | 38-6  |
| CDUP      | 16/38   | 13-24   | 3-23      |       |

### A CLASSIFICAÇÃO FINAL DA SÉRIE A FICOU ASSIM ESTABELECIDADA

|              | V | E | D | M/S    | PONTUAÇÃO |
|--------------|---|---|---|--------|-----------|
| 1º TÉCNICO   | 4 | 1 | 1 | 124-69 | 15        |
| 2º BENFICA   | 4 | 1 | 1 | 233-54 | 15        |
| 3º AGRONOMIA | 3 |   | 3 | 86-59  | 12        |
| 4º CDUP      |   |   | 6 | 41-299 | 6         |

## — SÉRIE B

### SÉRIE B:

### CDUL IA FICANDO PELO CAMINHO

A série B começou com um empate entre os azuis do Restelo

e do "Universitário" tendo a vitória sorrindo ao CDUL por 10-6.

No entanto o CDUL viria a perder o jogo por falta de comparência, devido a ter jogado com jogadores mal inscritos.

Independentemente de todas as

atenuantes e equívocos que esta situação possa ter gerado, não deve e não pode arriscar em situações destas.

Paralelamente Direito vencia a UTAD por confortáveis 34-8.

Na segunda jornada verificou-se outra grande surpresa, que foi a vitória dos "Advogados" sobre os "Universitários" por 8-3.

O Belenenses complica e baralha tudo ao vencer na última jornada da 1ª volta Direito por 26-10, enquanto o CDUL se deservice-lhava da UTAD.

Ao terminar a primeira volta, CDUL, Direito e Belenenses tinham sete pontos, e estavam todos dentro da luta pelo apuramento.



O CDUL viu-se ultrapassado no nacional de 92-93 pelo Belenenses.

### TRÊS CLUBES EMPATADOS NO FIM DA 1ª VOLTA

A situação começou a esclarecer-se quando Direito, escandalosa-

mente perdeu em Vila Real frente à UTAD.

Com esta derrota, de todo inesperada os advogados transformaram um apuramento fácil numa situação muito complicada.

Logo na jornada seguinte o CDUL, que tão mal tinha começado bateu Direito por uns claros 22-8, tornando as coisas mais favoráveis para as suas cores no confronto directo com os advogados.

### CDUL MELHORA DE PRODUÇÃO E DIREITO DESPERDIÇA APURAMENTO

Na última jornada Belenenses e Direito empataram a 24 pontos, passando à fase final Belenenses e CDUL.



Belenenses — sempre a subir em 92-93.

O que fica no ar deste grupo B, é que Direito desperdiçou uma oportu-

nidade soberana de jogar a fase final em detrimento do CDUL.

#### TODOS OS RESULTADOS

| SÉRIE B    | CDUL  | BELENENSES | DIREITO | UTAD  |
|------------|-------|------------|---------|-------|
| CDUL       |       | 10-10      | 22-8    | 53-13 |
| BELENENSES | 6-10  |            | 26-10   | 55-6  |
| DIREITO    | 8-3   | 24-24      |         |       |
| UTAD       | 10-45 | 8-35       | 12-6    |       |

#### A CLASSIFICAÇÃO FINAL DA SÉRIE B FICOU ASSIM ESCALONADA

|               | V | E | D | Fc | M/S    | PONTUAÇÃO |
|---------------|---|---|---|----|--------|-----------|
| 1º BELENENSES | 4 | 2 | 0 |    | 156-68 | 16        |
| 2º CDUL       | 3 | 1 | 1 | 1  | 143-55 | 12        |
| 3º DIREITO    | 2 | 1 | 3 |    | 90-95  | 11        |
| 4º UTAD       | 1 |   | 5 |    | 57-228 | 8         |

## — SÉRIE C

### SÉRIE C: CASCAIS À CONQUISTA DE PORTUGAL

A série C foi totalmente dominada pelo Cascais, que venceu as seis partidas desta fase de apuramento por margens bem dilatadas.

O único clube que fez um resultado mais ou menos equilibrado com os campeões nacionais foi o CRAV, que perdeu no Minho por 24-8.

O campeão nacional, e mais tarde

ibérico marcou neste apuramento 322 pontos só sofrendo 44.

Em segundo lugar ficou a Académica, que teve uma missão muito mais difícil do que se esperava. Para além de ter sido copiosamente batida pelo Cascais, perdeu na quinta jornada frente ao CRAV, e logo em Coimbra.

### ACADÉMICA EM GRANDES DIFICULDADES

Os estudantes só conseguiram

garantir o apuramento por "Goal-Average" em relação aos minhos.

O CRAV uma das equipas mais regulares do rugby nacional fez um bom apuramento, tendo talvez perdido a miragem de jogar a fase final no jogo de Arcos de Valdevez frente aos estudantes.

A Lousã fez um apuramento dentro dos parâmetros a que nos habituou em épocas anteriores. Perdeu todos os jogos por larga margem, praticando um mau rugby. O que se passou na fase final foi outra história!

#### TODOS OS RESULTADOS

| SÉRIE C   | CASCAIS | ACADÉMICA | CRAV | LOUSÃ |
|-----------|---------|-----------|------|-------|
| CASCAIS   |         | 74-3      | 61-3 | 42-7  |
| ACADÉMICA | 13-43   |           | 7-11 | 15-5  |
| CRAV      | 8-24    | 12-20     |      | 27-5  |
| LOUSÃ     | 10-78   | 5-33      | 0-27 |       |

#### A CLASSIFICAÇÃO FINAL DESTA SÉRIE C FICOU ASSIM ORDENADA

|              | V | E | D | M/S    | PONTUAÇÃO |
|--------------|---|---|---|--------|-----------|
| 1º CASCAIS   | 6 |   |   | 322-44 | 18        |
| 2º ACADÉMICA | 3 |   | 3 | 91-150 | 12        |
| 3º CRAV      | 3 |   | 3 | 88-117 | 12        |
| 4º LOUSÃ     |   |   | 6 | 32-222 | 6         |

## CASCAIS: O TÍTULO ANUNCIADO

Terminou a fase final do campeonato nacional, que consagrou o Cascais como campeão nacional, o que acontece pela segunda vez consecutiva.

Ao contrário do que se poderia esperar esta fase final foi bastante movimentada, com resultados que se tornaram verdadeiras surpresas. O nível da prova não foi brilhante, mas o equilíbrio transformou a fase final numa das mais emotivas dos últimos anos.

mento dos campeões nacionais? Em primeiro lugar as expectativas dos homens da linha talvez não previssem uma competição dura e competitiva. Por outras palavras, talvez julgassem que a prova seria mais fácil que no ano transacto, cumprindo na maior parte dos jogos calendário.

Por outro lado o seu terreno de jogo, o Hipódromo de Cascais, não favorece o seu modo de jogo. A pouca largura do terreno dificulta

cingir ao jogo à mão perfurante, para provocar desequilíbrios defensivos, para depois alargar rapidamente o perímetro de jogo, circulando a bola ao largo, mas passou também a ter muitas fases de jogo ao pé.

A pressão defensiva adversária foi um dos problemas a que os novos campeões nacionais não se conseguiram adaptar, tendo tido muitas vezes dificuldades em ultrapassar a linha de vantagem.



*Alexandre Lima e Rodrigo França, dois dos melhores saltadores nacionais em acção no Técnico-Cascais, que terminou com a vitória dos campeões nacionais por 41-32.*

O Cascais, o novo campeão nacional ficou muito aquém das expectativas. Não foi a equipa dominadora de 91-92, que ganhava os jogos sem quaisquer dificuldades, excepção feita ao Benfica.

Na presente temporada teve vários jogos bastante difíceis, voltou a perder com o Benfica, empatou com o Belenenses e teve muitas dificuldades frente ao CDUL em qualquer um dos jogos.

A que se fica a dever este abaixa-

os movimentos ao largo dos cascaenses, e facilita a defesa às equipas contrárias.

As equipas adversárias entenderam o modo de jogo dos campeões nacionais e arranjaram antídotos eficazes para o contrariar. A turma da linha teve mesmo nalgumas partidas que modificar o seu modo de jogo, de forma a ultrapassar os obstáculos com que se deparava.

O seu modo de jogo deixou de se

O Cascais, não deixou obviamente de ser a melhor equipa nacional, e de ter sido um justíssimo vencedor do nacional.

Foi sempre a equipa mais adulta e madura, não nos parecendo que haja nenhum clube com a consistência necessária para a curto prazo contrariar a equipa da linha. No entanto os resultados demonstram uma aproximação dos clubes. Mas aproximação não significa capacidade para discutir títulos

nacionais. Em 91-92 o Cascais marcou na fase final 441 pontos sofrendo apenas 91. Na presente temporada marcou 272 pontos e sofreu 139.

### **BENFICA REPETE SEGUNDO LUGAR**

o Benfica voltou a ser segundo classificado, e à semelhança da



*Cascais e Benfica protagonizaram em 92-93, tal como em 91-92 os melhores jogos do nacional.*

época passada voltou a ganhar ao Cascais.

Os encarnados, exceptuando os jogos com os campeões nacionais foram uma equipa previsível, sem um fio de jogo digno de uma equipa que luta pelo título.

Um factor há que destacar no comportamento dos encarnados. A sua postura competitiva e vontade de ganhar são enormes ultrapassando inúmeras carências que o seu modo de jogo enferma.

É de longe a equipa nacional que mais depende de um só jogador — João Queimado. Dos pontos marcados mais de metade são da autoria do seu capitão de equipa, o que não deixa de ser significativo. Por outro lado o seu n.º 8, o sul-africano Luther foi sempre peça imprescindível no "pack" avançado encarnado. O Benfica também fez pior do que na época transacta: marcou menos e sofreu mais pontos. (195-138 em 92-93 contra 201-114 em 91-92).

### **BELENENSES SOBE**

O Belenenses em relação a 91-92 deu um grande salto qualitativo. É

talvez a equipa nacional com um futuro mais risonho dada a excelente qualidade da sua equipa de juniores, que não tem rival entre nós.

Os azuis passaram de sextos classificados para terceiros. Em 91-92 marcaram 92 pontos e sofreram 228. Este ano 132 marcados contra 182 sofridos. Só não fizeram resultados positivos com o Benfica, com quem perderam duas vezes. Empataram uma vez em Cascais,

### **CDUL A DESCER**

O CDUL desceu esta temporada ao quarto lugar da tabela classificativa. O "quinze" do Universitário teve grandes dificuldades em se apurar para a fase final do campeonato. Aí chegados os universitários deram muito boa conta de si. Só perderam em Cascais, num jogo em que deram muito boa réplica tendo vencido todos os outros confrontos. Foi sem dúvida a equipa mais surpreendente da 1ª volta do campeonato.

Apresentou o seu modo de jogo tradicional, sem cometer erros, aproveitando maximalmente todos os erros do adversário.

Foi uma equipa que misturou na perfeição a juventude e a veteranía. O ponto de viragem, para pior deu-se na primeira jornada da segunda volta.

Ao perder com o Cascais de uma forma pouco "digerível" o CDUL caiu psicologicamente, não ganhando nenhum jogo durante toda a segunda volta. Apesar de terem feito uma péssima segunda volta, os universitários conseguiram manter bem viva a alma do CDUL.

Talvez tenham ganho uma equipa para o futuro, contrariando as expectativas mais pessimistas de

e venceram pelo menos uma vez os outros adversários.

O Belenenses tem um modo de jogo próprio, que a prazo poderá dar resultados.



*Cascais-CDUL — onde está a bola?*





O CDUL manteve-se em bom plano durante toda a primeira volta.

que o CDUL era um clube em vias de extinção.

Marcaram em 91-92 173 pontos sofrendo 190, enquanto este ano marcaram 182 sofrendo 148.

### TÉCNICO AQUÉM DAS EXPECTATIVAS

O Técnico foi a desilusão maior da fase final do campeonato. Era dos engenheiros que se esperava uma melhoria acentuada, depois do excelente comportamento de 91-92 e da boa fase de apuramento que fizeram.

No entanto e por culpa própria fizeram uma época muito abaixo das expectativas, não se verificando grande melhoria no seu modo de jogo. O Técnico que tem uma equipa muito jovem terá que se capacitar que só se atingem objetivos com treino. E treino foi palavra que nunca esteve na ordem do dia dos engenheiros em 92-93. O Técnico, será um clube com obrigações acrescidas em 93-94, devido ao facto de ir possuir um campo de jogos próprio.

Os "engenheiros" desceram de 4º para 5º classificados, tendo em 91-92 marcado 131 pontos sofrendo 212, enquanto que em

92-93 marcaram 139 e sofreram 213.

Foram a única equipa da fase final que não melhorou a sua prestação defensiva em 92-93.



A bola a todos se escapa!!

### ACADÉMICA: MELHORIA POUCO SIGNIFICATIVA

A Académica foi sexta classificada

e terá que disputar a "liguilha" para garantir uma presença no nacional maior em 93-94.

Os estudantes venceram duas partidas, frente ao Benfica e ao CDUL, não tendo construído mais nenhum resultado positivo.

Perderam todos os jogos fora do seu ambiente, denotando enormes carências no jogo atacante.

A Académica tem uma linha avançada ganhadora, mas a inoperância das suas linhas atrasadas chega a ser confrangedora.

Parece-nos que houve uma melhoria dos estudantes na presente temporada. Em 91-92 marcaram 92 pontos sofrendo 288 enquanto que em 92-93 marcaram 114 e sofreram 207.

Houve em 92-93 maior equilíbrio na fase final do campeonato, com uma qualidade de jogo semelhante à de 91-92.

Parece-nos haver um factor positivo a registar, que é o do rejuvenescimento de algumas equipas. Como factor mais negativo devemos salientar o pouco empenho posto no treino por muitos jogadores. A melhoria das condições de treino terá também que passar pelos clubes e pelos seus dirigentes. Todos terão que lutar por dar mais qualidade ao rugby nacional.

**A CLASSIFICAÇÃO FINAL DO CAMPEONATO NACIONAL  
FICOU ASSIM ORDENADA**

|               | V | E | D | M/S     | PONTUAÇÃO |
|---------------|---|---|---|---------|-----------|
| 1° CASCAIS    | 8 | 1 | 1 | 272-139 | 27        |
| 2° BENFICA    | 7 |   | 3 | 192-138 | 24        |
| 3° BELENENSES | 4 | 2 | 4 | 132-184 | 20        |
| 4° CDUL       | 4 |   | 6 | 181-148 | 18        |
| 5° TÉCNICO    | 3 | 1 | 6 | 139-213 | 17        |
| 6° ACADÉMICA  | 2 |   | 8 | 114-206 | 14        |



Alfredo Simões, uma das grandes esperanças do rugby nacional.

**OS RESULTADOS DA FASE FINAL**

|            | CASCAIS | BENFICA | BELENENSES | CDUL  | TÉCNICO | ACADÉMICA |
|------------|---------|---------|------------|-------|---------|-----------|
| CASCAIS    |         | 13-19   | 42-7       | 18-9  | 53-15   | 31-6      |
| BENFICA    | 16-23   |         | 10-8       | 25-13 | 22-5    | 24-18     |
| BELENENSES | 6-6     | 11-52   |            | 16-10 | 24-13   | 26-3      |
| CDUL       | 14-15   | 27-3    | 27-8       |       | 10-17   | 32-12     |
| TÉCNICO    | 32-41   | 10-13   | 13-13      | 8-23  |         | 8-0       |
| ACADÉMICA  | 17-30   | 10-6    | 6-13       | 26-17 | 16-20   |           |

**CASCAIS: CAMPEÃO IBÉRICO**

O Cascais juntou ao Campeonato Nacional e à Taça de Portugal conquistados em 91-92, o título de Campeão Ibérico, ao bater no Hipódromo de Cascais os campeões espanhóis do El Monte Ciências Club de Rugby por 12-11.

Os cascaenses são a terceira equipa nacional a conquistar o título ibérico a seguir ao CDUL e ao Benfica.

Na conquista do seu primeiro título ibérico os campeões nacionais alinharam e marcaram: Luís Luís, Nuno Morais, Carlos Reis, Miguel

Tavares, Pedro Rogério, João Tiago, Jorge Herédia, Alexandre Lima, João Jonet, Nuno Durão, Miguel Jonet, Tomás Morais, Castro Pereira, Pedro Murinelo, Vilar Gomes (3,3,3,3).

A lista dos campeões ibéricos é a seguinte:

- 1965 — Canoe Natation Club
- 1966 — Club D. Universitário Barcelona
- 1967 — Canoe Natation Club
- 1968 — Colégio Mayor X. Cisneros

- 1969 — Atletico S. Sebastian
- 1970 — Futebol Clube Barcelona
- 1971 — Sport Lisboa e Benfica
- 1983 — CDUL
- 1984 — CDUL
- 1985 — Colégio Mayor X. Cisneros
- 1986 — Sport Lisboa e Benfica
- 1987 — Union Esportiva Santbo-yana
- 1990 — Arquitectura Madrid
- 1991 — El Salvador Valladolid
- 1992 — Cascais

# LOUSÃ FAZ JUZ À PRIMEIRA DIVISÃO

A série da descida de divisão, que agrupou as seis equipas não apuradas para a fase final, foi extraordinariamente renhida, pese a fraquíssima prestação do CDUP ao longo de todo o campeonato.

Neste grupo, em que só o primeiro lugar interessava os grandes favoritos à vitória final eram os "quinzes" de Agronomia e Direito. Contra todas as expectativas a Lousã foi vencendo partidas atrás de partidas, garantindo o primeiro lugar da série com grande autoridade.

Baseou este triunfo na enorme experiência da maioria dos seus jogadores, que se juntaram em torno de um objectivo — jogar a primeira divisão de 93-94.

O CRAV não atingiu o seu objectivo primeiro, que era o de ganhar o grupo, mas atingiu o 2º lugar com algum à vontade. Jogar em Arcos de Valdevez não constitui tarefa fácil. A demonstrá-lo a carreira 100% vitoriosa dos minhotos em casa. São uns sérios candidatos à permanência na 1ª divisão. Direito, que estava às portas da

## AGRONOMIA DESCE À SEGUNDA DIVISÃO

Agronomia foi quarta classificada, descendo assim automaticamente à segunda divisão.

Foi a grande desilusão desta fase final, depois de ter feito uma fase de apuramento bastante promissora. A pressão competitiva, a falta de capacidade de conquista do seu "pack" avançado e as grandes deslocações devem ter relegado Agronomia para a 2ª divisão.



A Lousã conquistou brilhantemente o 1º lugar na série B, e o direito de jogar o nacional maior de 93-94.

Surpresa neste facto, só que aqueles que não têm analisado o comportamento dos serranos ao longo dos últimos anos.

Fazem (fizeram) sempre pessimas fases de apuramento, garantindo depois com grande à vontade a manutenção na 1ª divisão.

Este ano só a vitória servia e como tal os serranos deitaram mãos à obra.

Só sofreram uma derrota em Arcos de Valdevez, numa fase de decompressão em que o 1º lugar já estava garantido.

Venceram todos os outros jogos com grande autoridade sendo a equipa mais produtiva desta fase (265 pontos marcados) e aquela que menos pontos sofreu (99).

fase final teve ao longo da prova um percurso muito atribulado. Começou muito mal, com duas derrotas consecutivas, mas ainda teve forças e talento para garantir o terceiro lugar que lhe dá acesso à "liguilha".

Julgamos que os responsáveis dos "advogados" terão que tentar tudo para inverter o processo de degradação da sua equipa senior, tal é o baixo nível das suas exhibições.

A UTAD bateu-se até final, é uma equipa a acarinhar e em francos progressos, que poderá construir uma equipa muito competitiva num futuro próximo.

Finalmente, o CDUP foi a grande desilusão de todo o campeonato, tendo sido a única equipa a dar uma falta de comparência neste nacional.

Foi mesmo o único clube do campeonato que não conheceu o sabor da vitória.

Algo terá que mudar no CDUP, que tem homens capazes e tradições no rugby nacional.

Esperemos que em 93-94 a situação melhore, já que o rugby precisa do CDUP como equipa competitiva.

**DESCIDA DE DIVISÃO  
 OS RESULTADOS**

|           | LOUSÃ | CRAV  | DIREITO | AGRONOMIA | UTAD  | CDUP  |
|-----------|-------|-------|---------|-----------|-------|-------|
| LOUSÃ     |       | 13-12 | 29-17   | 24-14     | 40-7  | 73-3  |
| CRAV      | 18-8  |       | 30-7    | 11-7      | 34-19 | 55-5  |
| DIREITO   | 3-10  | 10-15 |         | 12-10     | 40-13 | 48-15 |
| AGRONOMIA | 10-39 | 19-0  | 13-14   |           | 28-3  | V Fc. |
| UTAD      | 3-17  | 16-8  | 3-17    | 17-8      |       | 33-3  |
| CDUP      | 6-13  | 0-5   | 0-53    | 5-43      | 5-23  |       |



Direito e Agronomia tiveram sortes diferentes no nacional.

**A CLASSIFICAÇÃO FINAL FICOU ASSIM ORDENADA**

|              | V | E | D | Fc. | M/S     | PONTUAÇÃO |
|--------------|---|---|---|-----|---------|-----------|
| 1° LOUSÃ     | 9 |   | 1 |     | 265-99  | 28        |
| 2° CRAV      | 7 |   | 3 |     | 188-102 | 24        |
| 3° DIREITO   | 6 |   | 4 |     | 221-138 | 22        |
| 4° AGRONOMIA | 4 |   | 5 |     | 153-125 | 18        |
| 5° UTAD      | 4 |   | 6 |     | 137-200 | 18        |
| 6° CDUP      |   |   | 9 | 1   | 42-346  | 9         |

# OS CAMPEÕES NACIONAIS

Terminou o 35º campeonato nacional que consagrou o Cascais como campeão nacional, o que acontece pela terceira vez, segunda consecutiva.

O clube que mais títulos nacionais tem conquistado é o CDUL (Centro Desportivo Universitário de Lisboa), seguido do Benfica com oito, do Belenenses com quatro, do Cascais com três, da Académica com dois e do Técnico com um. Com trinta e cinco campeonatos disputados só seis clubes atingiram o ceptro máximo.

A lista completa dos campeões nacionais é a seguinte:

1958-59 — Belenenses  
 1959-60 — Benfica  
 1960-61 — Benfica  
 1961-62 — Benfica  
 1962-63 — Belenenses  
 1963-64 — CDUL  
 1965-66 — CDUL  
 1966-67 — CDUL  
 1967-68 — CDUL  
 1968-69 — CDUL  
 1969-70 — Benfica  
 1970-71 — CDUL  
 1971-72 — CDUL  
 1972-73 — Belenenses  
 1973-74 — CDUL  
 1974-75 — Belenenses  
 1975-76 — Benfica

1976-77 — Académica  
 1977-78 — CDUL  
 1978-79 — Académica  
 1979-80 — CDUL  
 1980-81 — Técnico  
 1981-82 — CDUL  
 1982-83 — CDUL  
 1983-84 — CDUL  
 1984-85 — CDUL  
 1985-86 — Benfica  
 1986-87 — Cascais  
 1987-88 — Benfica  
 1988-89 — CDUL  
 1989-90 — CDUL  
 1990-91 — Benfica  
 1991-92 — Cascais  
 1992-93 — Cascais

## RUGBY

### OS MELHORES MARCADORES DO NACIONAL

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| João Queimado (Benfica) ..... | 184 |
| Vilar Gomes (Cascais) .....   | 157 |
| Nuno Vaz (CRAV) .....         | 121 |
| Manea Marius (UTAD) .....     | 98  |
| Willem Visage (CDUL) .....    | 87  |

### OS HOMENS DOS ENSAIOS

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| Luís Ramos (Lousã) .....      | 15 |
| Luís Cancela (Direito) .....  | 11 |
| Miguel Jonet (Cascais) .....  | 10 |
| Pedro Murinelo (Cascais) .... | 10 |
| João Queimado (Benfica) ..... | 10 |
| Vilar Gomes (Cascais) .....   | 10 |

FA-Fase de apuramento  
 FA-Fase final

### VALOR DO ENSAIO NA TOTALIDADE DE PONTOS MARCADOS

|            | TOTAL PONTOS | TOTAL ENSAIOS | %    |
|------------|--------------|---------------|------|
| CASCAIS    | 272          | 185           | 68.0 |
| BENFICA    | 192          | 115           | 59.8 |
| BELENENSES | 132          | 85            | 64.3 |
| CDUL       | 181          | 100           | 55.2 |
| TÉCNICO    | 139          | 95            | 68.3 |
| ACADÉMICA  | 114          | 65            | 57.0 |
| LOUSÃ      | 279          | 195           | 69.4 |
| CRAV       | 187          | 135           | 72.1 |
| DIREITO    | 222          | 180           | 81.0 |
| AGRONOMIA  | 152          | 110           | 72.3 |
| UTAD       | 132          | 70            | 53.0 |
| CDUP       | 42           | 25            | 50.9 |

### Alguns números

(FF) melhor ataque — Cascais  
 272 pontos  
 (FF) melhor defesa — Benfica  
 138 pontos

### Resultado mais dilatado (FF)

Cascais — Técnico — 53-15

### Maior número de pontos num jogo (FF)

Técnico — Cascais — 32-41 (73)

### Menor número de pontos num jogo

Técnico — Académica — 8-0

### Único jogo sem ensaios

Cascais — Belenenses — 6-6

### Equipa mais realizadora

(FA + FF) Cascais — 594 pontos

### Equipa menos concretizadora

(FA + FF) CDUP — 83 pontos

### Melhor defesa

(FA + FF) Cascais — 183 pontos

### Pior defesa

(FA + FF) CDUP — 645 pontos

### Resultado mais dilatado

(FA + FF) Benfica, CDUP — 130-3

### ENSAIOS MARCADOS/SOFRIDOS MÉDIA DE JOGO

|            | MARCADOS | SOFRIDOS |
|------------|----------|----------|
| CASCAIS    | 3.70     | 1.20     |
| BENFICA    | 2.30     | 1.80     |
| BELENENSES | 1.70     | 2.30     |
| CDUL       | 2.00     | 2.00     |
| TÉCNICO    | 1.90     | 3.00     |
| ACADÉMICA  | 1.30     | 2.60     |
| LOUSÃ      | 3.90     | 1.10     |
| CRAV       | 2.70     | 1.30     |
| DIREITO    | 3.60     | 1.70     |
| AGRONOMIA  | 2.20     | 1.70     |
| UTAD       | 1.40     | 2.90     |
| CDUP       | 0.50     | 5.60     |

# CAMPOS: UMA REALIDADE

Os dois últimos mandatos federativos tem-se caracterizado pela inauguração de alguns novos recintos para a prática do rugby. Tal deve-se em parte ao grande empenho posto pela direcção da federação no aumento do parque de jogos nacional, por outro aos clubes que se têm lançado de alma e coração na difícil tarefa de construção dos seus novos recintos desportivos.

Este incremento da construção dos novos campos de rugby passa por um grande empenho e "pressão" da direcção federativa, presidida por Raúl Martins, junto do poder central.

Todo o processo para o desbloqueamento de verbas tem passado pelo empenho federativo em estreita ligação com o Ministério da Educação e com a Direcção Geral dos Desportos.

Em 1988, numa reunião havida com a Direcção Geral dos Desportos, foi tornada pública a decisão federativa de a selecção nacional não voltar a jogar nos campos do Estádio Nacional postos à disposição para a prática da modalidade, tal era a falta de qualidade oferecida por aquele complexo desportivo.

Logo no ano seguinte, em Junho de 89 foi desbloqueada a verba para a construção dos dois novos campos do Estádio Nacional.

São dois excelentes recintos, que infelizmente tem merecido poucos cuidados por parte dos responsáveis do Estádio Nacional.

Os novos campos do Estádio Universitário de Lisboa, que foram inaugurados no início da presente temporada, ficaram-se a dever ao empenho do Ministério da Educação e da Direcção Geral do Ensino Superior que disponibilizaram as verbas necessárias.

O Universitário está de parabéns, pois volta a ter dois excelentes relvados, apoiados por estruturas de apoio de excelente qualidade.

A utilização do espaço tem sido bastante cuidada, pelo que os campos estão em excelente estado de conservação. Parabéns Vasco Lynce.



Estádio Universitário de Lisboa — dois excelentes espaços para a prática do rugby.

Voltar-se-á a jogar no campo n.º 2 do Estádio Universitário, quando outros recintos em construção no complexo estiverem terminados. Técnico e Direito beneficiaram do empenho federativo para a construção dos seus novos recintos. A Câmara Municipal de Lisboa, depois de reuniões havidas com a Direcção da Federação, subsidiou os dois clubes com 10 000 contos, ao tempo do vereador Vitor Gonçalves.

Através da Direcção Geral dos Desportos recebeu cada clube mais 20 000 contos.

Estas verbas da D.G.D. surgiram através do R.I.I.D. (Rede Integrada de Infraestruturas Desportivas).

A Direcção Geral do Ordenamento do Território também subsidiou "advogados" e "engenheiros".

## TEMOS QUE TER VINTE CAMPOS

O campo de jogos do Técnico que

está em fase de conclusão será inaugurado no fim de semana de 22/23 de Maio. Um sonho trans-



Campo do Técnico nas Olaias, a inaugurar dia 22 de Maio.

# QUE COMEÇA A DESPONTAR



formado realidade, que se tornou possível devido aos novos contactos havidos com o Ministério da



Para além do campo, as bancadas e o "Clube-House"

Educação que desbloqueou verbas para o pagamento dos juros, no empréstimo que o Técnico vai fazer para concluir as suas obras. Em reunião recente com Fernando Seara, chefe de gabinete do Ministério da Educação, a direcção federativa foi informada que iria ser desbloqueada uma verba sob a forma de subsídio, para a construção do campo de rugby do Sport Lisboa e Benfica.

O campo do Dramático de Cascais está em construção, tendo uma vez mais a federação despoletado o processo, solicitando uma reunião com o vereador do Desporto da Câmara Municipal de Cascais. Foi concedida uma verba através do R.I.I.D., e há um protocolo assinado entre Clube, Câmara, Federação, e Ministério da Educação que prevê a utilização do recinto pelas escolas do concelho.

Este parque desportivo, que fica em frente do cemitério da Guia terá o arrelvamento concluído em

Junho/Julho deste ano.

Faltarão construir os balneários, que só por si constituem uma soma bastante elevada.

Houve recentemente uma reunião com o Presidente da Câmara Municipal de Loulé, que se mostrou interessado na construção de mais um campo de rugby no complexo desportivo municipal daquela cidade algarvia. O empenho de Loulé no desporto é enorme, tendo já um dos melhores parques desportivos municipais que existem em Portugal.

Na Moita da Anadia, o campo está adiantado, embora não tivesse havido intervenção directa da federação para o desbloqueamento de verbas por parte do poder central. Existe ainda a possibilidade de construção de novos terrenos, ao abrigo do protocolo existente entre o Ministério da Educação e a Federação Portuguesa de Rugby, que estão pendentes da resposta dos clubes.

Em Elvas, faltará a câmara local disponibilizar o terreno para a construção do recinto.

Em Famalicão o terreno existe, mas ainda não foram apresentados nem o projecto nem o orçamento. Raúl Martins, o presidente federativo, que nos facultou todas estas informações, adiantou-nos ainda que a Federação Portuguesa de Rugby apoiará os clubes na compra de material para o apetrechamento dos seus terrenos.

Esses subsídios serão de cerca de 50% do valor de todo o material adquirido (postes, máquina mellée, escudos contacto, sacos placagem).

Existem neste momento em Portugal nove campos para a prática exclusiva da modalidade.

Deveriam existir vinte.

Só com grande empenho dos homens do rugby, dos que cá estão e dos que por cá passaram, a pensar nos que virão tal tarefa poderá ser concretizada.

Uma coisa é certa, a aridez que grassava há uns anos atrás, está lentamente a desaparecer sendo o futuro cada vez mais risonho e verdejante.

# RUGBY PORTUGUÊS VAI DESENVOLVER-SE

**A conversa que mantivemos com Andrew Cushing confirmou-nos um treinador conhecedor, extraordinariamente pragmático, com ideias muito próprias e com grande determinação de trabalhar, se possível com o apoio de todas as pessoas ligadas ao rugby.**

RUGBY MAGAZINE— *Como surgiu a hipótese de trabalhar em Portugal?*

ANDREW CUSHING — Em primeiro lugar porque fui convidado pelo Manuel Cabral. Em segundo lugar porque gostei imenso de vir ao "Lisboa Sevens". Finalmente quando no ano passado orientei a selecção de "Sevens" gostei do que vi, e de trabalhar com os jogadores portugueses.

R.M. — *O que acha do panorama rugbístico nacional?*

A.C. — A questão que põe não é de fácil resposta. Joga-se com muito entusiasmo e encontram-se jogadores tecnicamente evoluídos. As boas equipas são poucas. Parece-me que a perspectiva é de desenvolvimento competindo com nações mais desenvolvidas, sendo para tal necessário ter uma atitude mais "profissional" perante o jogo.

R.M. — *Tendo já um conhecimento aprofundado do rugby nacional, qual é o seu projecto para a modalidade?*

A.C. — De momento só tenho um projecto a curto prazo, que é o de que Portugal se qualifique para a fase seguinte do apuramento do campeonato do mundo.

## O OBJECTIVO PRIMEIRO É COLOCAR PORTUGAL NA FASE SEGUINTE DO APURAMENTO DO CAMPEONATO DO MUNDO

R.M. — *Em entrevista recente a um quadrisemanário desportivo, falou num prazo de vinte anos para colocar o rugby português a um bom nível internacional.*

*Sendo Portugal um país latino acha que poderemos esperar tanto tempo?*

A.C. — Não se devem apressar as coisas. Há que ter e implementar um projecto de desenvolvimento. Nos anos setenta a Austrália era uma equipa forte mas não estava no topo das equipas desenvolvidas, tendo gradualmente vindo a subir até aquilo que é hoje — campeã do mundo.

R.M. — *As características morfológicas do jogador português têm*

*algumas limitações no tocante a envergadura física.*

*Vai adaptar o modo de jogo de Portugal às nossas características? Por outras palavras, vai haver um modo de jogo tipicamente português?*

A.C. — Vai ser desenvolvido um estilo de jogo de acordo com os pontos fortes e fracos dos jogadores portugueses.

R.M. — *Uma das grandes lacunas portuguesas reside ao nível da condição física.*

*Acha que a prazo poderemos ter bons atletas que suportem todas as exigências da modalidade?*

A.C. — Vamos concerteza ter melhores atletas.

Os jogadores terão que ter uma atitude positiva face ao treino físico. Os treinadores dos clubes terão que apoiar e incentivar os seus jogadores.

Também a estrutura clube terá que



Andrew Cushing indica o caminho ao "quinze" nacional.



ter uma atitude positiva face ao treino físico.

R.M. — *Uma das críticas que se faz à sua pessoa é o de ser um treinador não residente. Acha isso significativo?*

*Está o seu trabalho condicionado por esse facto?*

A.C. — É compreensível e aceitável que haja críticas à minha pessoa pelo facto de ser um treinador não residente.

Caso estivesse em Portugal poderia concerteza fazer melhor.

Contudo os jogadores de rugby são amadores, a maioria trabalha e joga aos fins de semana. Como tal seria difícil juntar a selecção nacional mais vezes do que aquelas em que se junta, e nas quais eu estou presente.

No entanto se vivesse em Portugal teria concerteza um melhor conhecimento do rugby português estabelecendo relações com jogadores, treinadores e clubes.

Mesmo assim a chave do sucesso não é fazer muita coisa muito depressa. É importante ir devagar, construindo umas fundações sólidas.

R.M. — *Na entrevista já anteriormente referida fala com grande empenho e determinação do rugby nacional e dos seus projectos.*

*Vê-se daqui a vinte anos mais portugueses que escocês?*

*Põe a hipótese de viver em Portugal, acompanhando a par e passo tudo o que se passa no nosso rugby?*

A.C. — Seria muito arrogante da minha parte ver-me a mim próprio como “padrinho” e salvador do rugby português.

Primeiro que tudo vamos cumprir este primeiro ano. A seguir falamos nos outros dezanove.

### **NÃO SOU NEM PADRINHO NEM SALVADOR DO RUGBY PORTUGUÊS**

R.M. — *Quais as hipóteses de Portugal nas competições que se avizinham?*

A.C. — Não posso responder a isso antes de me debruçar atenta-

mente sobre os resultados do “trial”.

Terei que analisar os jogadores que estão disponíveis, para além de conhecer o valor da oposição. Espero que possamos obter bons resultados, particularmente tendo em conta a forma como os jogadores responderam no “mundial de sevens”, mas seria irrealista da minha parte fazer previsões nesta altura.

R.M. — *Reconhece nalgum jogador português real capacidade internacional, ao mais alto nível?*

A.C. — Sim.

R.M. — *Sente que o lote de jogadores de que dispõe poderão vir a merecer jogar no Arms Park de Cardiff, já no próximo ano?*

A.C. — É ainda muito cedo para responder a essa questão.

R.M. — *O Cascais é bi-campeão nacional, para além de campeão ibérico.*

*Qual é a equipa portuguesa que pratica um tipo de jogo mais aproximado daquele que pretende ver a equipa de todos nós fazer?*

A.C. — Nenhuma das equipas portuguesas pratica o tipo de jogo que eu pretendo implementar.

No entanto em Outubro último estiveram agendadas reuniões com os treinadores portugueses, reuniões essas que não se realizaram devido à ausência desses mesmos treinadores.

Todavia, pretendo utilizar no “quinze” nacional os aspectos mais positivos de cada um dos clubes portugueses.

### **OS ASPECTOS POSITIVOS DOS CLUBES PORTUGUESES SERÃO UTILIZADOS NA SELECÇÃO NACIONAL**

R.M. — *O que pensa dos técnicos portugueses com quem tem trabalhado?*

A.C. — São bons, têm uma enorme disponibilidade para colaborar e têm uma enorme vontade de trocar ideias.

Têm trabalhado intensamente no sentido de ajudar o desenvolvimento do rugby português.

R.M. — *Pensa que as novas leis modificaram de alguma forma a maneira de jogar?*

*Quais as vantagens e desvantagens da nova configuração das leis do jogo?*

A.C. — Como já tive oportunidade de dizer em anteriores ocasiões, as novas leis destruíram completamente a filosofia subjacente ao jogo do rugby.

Nestas novas leis poucas vantagens vejo. A lei do “ruck” e do “maul” destruiu os princípios básicos de ir para a frente, e de manutenção da posse de bola.

Após pontapé de penalidade, a introdução do alinhamento pertencer à equipa não infractora tem significado um aumento generalizado do jogo ao pé.

Em relação à introdução rápida, foi uma lei que sempre existiu, e que os jogadores mais astutos sempre utilizaram.

### **AS NOVAS LEIS DO JOGO POUCAS VANTAGENS TROUXERAM À MODALIDADE**

R.M. — *Parece e apesar da sua postura exigente já ter conquistado o “coração” dos jogadores portugueses.*

*Isso chega-lhe ou pretende ainda conquistar os “Velhos do Restelo” que dizem que a única novidade da sua pessoa é falar inglês?*

A.C. — Enquanto os jogadores mantiverem a sua confiança, e a direcção da equipa mantenha a sua força e solidariedade o rugby português desenvolver-se-á.

Se as pessoas que estão na linha lateral quiserem meter a cabeça na areia como a avestruz, então o problema é delas e não nos diz respeito.

# PORTUGAL COMPETE EM VÁRIAS FRENTES

A campanha internacional da selecção portuguesa de rugby reparte-se este ano em três áreas distintas, incluindo um jogo amigável com os Welsh Districts — que se passará a realizar todos os anos, alternadamente em Portugal e no País de Gales — três jogos a contar para o Campeonato da FIRA, a 3 de Abril com a Roménia, a 17 e 24 do mesmo mês com a Itália e a Tunísia, e finalmente, entre 9 e 16 de Maio, outros tantos jogos a contar para a fase de apuramento do Campeonato do Mundo de 1995, frente às equipas da Suíça, Bélgica e Espanha. Este

a nossa equipa representativa adapta-se agora a um novo estilo e a novos processos, conduzidos pelo escocês Andrew Cushing, responsável máximo de toda aquela equipa técnica.

Entendeu a FPR dar a maior prioridade à participação da selecção nacional na fase de apuramento para o Campeonato do Mundo, pelo que se candidatou, e conseguiu trazer para Portugal a organização daquele apuramento.

Da mesma forma a preparação da equipa sénior foi condicionada por essa decisão da FPR, o que permitiu que o Campeonato Nacional

no St. Giron, e que já no ano anterior estivera envolvido no grupo de trabalho, o Domingos Silva que joga na equipa de Esperanças da U.S. Dax, e o Artur Gomes que é três quartos centro titular de Paris Université Club. De referir ainda a convocação de vários jogadores com menos de 22 anos, o que garante desde já continuidade do trabalho agora iniciado pelos anos mais próximos. Estão neste grupo o Nuno Vaz (CRAV), o Joaquim Ferreira (CDUP), o João Catulo (Lousã), o Pedro Rogério (Cascais) e o Pedro Neto (Belenenses).



João Queimado (o capitão da selecção) passa a Nuno Mourão, pressionado por António Cunha.

último jogo contará simultaneamente para as duas provas, por acordo entre as respectivas federações nacionais.

Atravessando um período de grandes alterações a diversos níveis com a aprovação dos novos Estatutos da FPR e a nomeação de um Coordenador das Selecções Nacionais, responsável por toda a organização e planificação dos trabalhos das equipas juniores e séniores, e a escolha de uma equipa técnica totalmente renovada, composta por treinadores integralmente amadores de acordo com as determinações, da Internacional Board,

e a Taça de Portugal decorressem sem interrupções, reservando o final do mês de Março e o mês de Abril para um trabalho mais directo com os jogadores, apesar de se terem realizado sessões de treino em Janeiro e Fevereiro, que incluíram, pela primeira vez, a disputa de um "Trial" entre Possíveis e Prováveis, que serviu para a selecção do grupo de 26 jogadores que têm estado envolvidos nos trabalhos da equipa nacional.

De salientar que entre os jogadores seleccionados se encontram três compatriotas emigrantes em França, o Miguel Batista que joga

## OBJECTIVO: FASE SEGUINTE DO APURAMENTO DO MUNDIAL 95

Que se espera então desta selecção nacional?

Primeiro que tudo que consiga a qualificação para a fase seguinte de apuramento para o mundial de 95, já que das quatro equipas presentes em Lisboa, duas seguirão em frente conforme decisão da Internacional Board de Dezembro de 92. E isto apesar das dificuldades que os resultados dos últimos anos fazem reear.

Na verdade, se frente à Suíça, Portugal conseguiu a vitória nos três encontros até agora realizados (23-4 em 1973, 31-0 em 1979 e 39-0 em 1981), frente à Bélgica e Espanha tudo é mais complicado. Quanto aos belgas, e apesar do

vitórias (9-3 em 1966 e 5-0 em 1967) para Portugal, e dez vitórias para o nosso eterno rival (6-5 em 1935, 16-9 em 1936, 23-0 em 1954, 12-9 em 1965, 14-5 em 1968, 15-11 em 1969, 17-0 em 1970, 32-13 em 1982, 25-4 em

disputada em Dezembro de 1992, e que a derrota em Sevens do ano passado demonstrou que a relação de forças entre as duas nações pode bem ser alterada.



Artur Gomes um dos "estrangeiros" da selecção nacional placa um dos "manos" Curvelo.

saldo fortemente positivo dos sete jogos já disputados favorável a Portugal, com uma derrota em 1987 por 7-13, dois empates (3-3 em 1966 e 15-15 em 1989) e quatro vitórias (8-6 em 1968, 15-7 em 1981, 12-9 em 1984 e 24-12 em 1990), todo o cuidado será pouco, pois é conhecida a forte ligação da Bélgica ao rugby britânico e os constantes contactos que estabelece com equipas das ilhas, que certamente terão produzido resultados no estilo e na competitividade da sua selecção principal. No entanto a equipa portuguesa é favorita à partida, facto a que não será alheio o "factor casa" e o conhecimento que parte dos nossos internacionais têm do adversário, das suas forças e das suas fraquezas.

O jogo mais importante desta fase será, sem dúvida, o Portugal-Espanha, mas neste caso a balança pende, à partida para os "nuestros hermanos", com apenas um empate (6-6) em 1967 e duas

1983 e 29-6 em 1990). Quer isto dizer que há 26 anos que Portugal não ganha à Espanha, e mesmo no apuramento do Campeonato do Mundo de Sevens em 1992, foi frente à equipa espanhola que fomos desclassificados, ao perder por 10-6.

Mas não se julgue que estamos batidos antes do jogo. A equipa portuguesa é hoje mais forte que nos anos anteriores, e apesar dos constantes contactos que a Espanha tem com equipas de "outro" campeonato, existem algumas hipóteses para as nossas cores. Se por um lado temos que contar com o maior poder físico e experiência do nosso adversário, há que contar também com a maior mobilidade do XV português e com uma maior capacidade ofensiva e tática da nossa selecção.

Recorde-se a propósito que a Espanha foi esmagada já este ano pela Inglaterra "B" por mais de 60 pontos, que o Cascais derrotou o campeão espanhol na Taça Ibérica

## FIRA — TUNÍSIA AO NOSSO ALCANÇE

Mas a época internacional de Portugal não se esgota com o apuramento para o Campeonato do Mundo 1995. Pelo caminho vamos encontrar a Roménia e a Itália, que são já equipas de um nível a que não podemos aspirar no momento, e com quem a nossa história está repleta de pesadas derrotas. Frente aos romenos, que defrontámos em 1967 (46-6) e 1986 (34-14 e 43-7), e numa altura em que apenas se pode contar com uma escassa semana de treino, são muito escassas as hipóteses de obtenção de um resultado positivo. Resta a esperança de utilizar este encontro como o ponto de partida para toda a campanha internacional do ano, tentando pôr em prática os novos conceitos e estudando as nossas reais capacidades.

Depois, frente à Itália, as coisas

poderão correr ligeiramente melhor, e um bom resultado não é uma hipótese a pôr completamente de lado, apesar de seis derrotas em oito jogos (6-3 em 1967, 17-3 em 1968, 15-7 em 1972, 11-3 em 1974, 26-24 em 1986 e 41-3 em 1987), dum empate a 0-0 em 1972 e uma vitória em 1973 por 9-6. De facto todos sabemos quanto os italianos têm melhorado, fruto de um intenso investimento em condições materiais e humanas, que roçam o profissionalismo, e que tem dado os seus resultados, nomeadamente com a sua presença na fase final dos Campeonatos do Mundo de 1987 e 1991.

Mas também não podemos esquecer que a Itália estará envolvida no mesmo dia em que defronta Portugal, no Campeonato do Mundo de Sevens, o que afectará de qualquer forma o comportamento global da equipa, já que apesar da sua evolução o rugby italiano ainda não nos parece suficientemente forte para poder apresentar-se em pleno em duas competições simultâneas. Se a prioridade da Federação Italiana se virar para os Sevens, como tudo indica, então a Squadra Azzurra perderá por certo mobilidade e certeza de mecanismos, de que poderemos tirar algum partido. Quanto ao último jogo oficial da série que nos compete realizar esta época, o equilíbrio parece maior. Em seis encontros disputados com a Tunísia as vitórias dividem-se, com Portugal a chamar as honras para si em 1982 (25-16), 1990

(12-6) e 1992 (18-16), e com os Norte-Africanos a vencer em 1986 (19-17), 1987 (12-9) e 1991 (16-10).

Como é sabido a força da Tunísia depende em muito da utilização do seu contingente de "franceses", que podem fazer pender a balança para as suas cores. Além de factores extra desportivos, como seja a realização de jogos à porta fechada — assim aconteceu em 1986, numa experiência a que os

## SEVENS — JOGAR ENTRE OS MELHORES

Ainda no âmbito da sua campanha internacional, Portugal vai disputar dois Torneios Internacionais de Sevens, onde se espera venha a obter resultados sempre melhores, com vista desde já à preparação do Campeonato do Mundo de 1997.

No Lisboa Sevens no primeiro fim de semana de Junho, frente a paí-



Pedro Rogério e Luís Luís em acção no "trial".

portugueses não estão habituados. E como já vem sendo habitual o factor árbitro pode também ser decisivo, com a nomeação de um juiz francês a ter um certo sabor de caseirismo.

Mas Portugal deverá em fins de Abril estar a atingir o seu melhor, pelo que se tudo correr dentro da normalidade, a vitória portuguesa será o resultado mais natural.

ses como os Estados Unidos, a Suécia, a Bélgica, a Espanha, o Zimbabwe, Marrocos e a Tunísia, ou frente a equipas como os Barbarians Sul Africanos, os Saltires, Cambidge ou os Scottish Borders, a tarefa parece muito difícil, mas a vocação e capacidade dos jogadores portugueses para a variante, bem expressa em termos de clube por intermédio do Cascais, do CDUL ou dos Barbarians Portugueses, e em termos de selecção no Sicilia Sevens de 1992, poderão levar Portugal até um lugar nas meias finais ou, quem sabe...

Depois, no fim da semana seguinte, em Toulouse, Portugal terá a sua segunda experiência em torneios fora de portas, podendo ambicionar à partida a um lugar na final com toda a fragilidade que fazer previsões em Sevens tem. Mas as sucessivas experiências só poderão conduzir a melhores resultados. E a reconhecida competência de Andrew Cushing nestas andanças e nesta variante, aliadas às já referidas características do jogador português, são um factor que garante a qualidade da nossa equipa de Sevens em qualquer parte do mundo.



Vilar Gomes, perfura por entre uma muralha de adversários.

# A EVOLUÇÃO DO RUGBY NACIONAL PASSA PELA ARBITRAGEM

**Mantivemos com Jorge Mendes Silva, talvez o melhor árbitro português da actualidade uma conversa que versou fundamentalmente a abordagem das novas regras.**

RUGBY MAGAZINE— *Clive Northing, disse recentemente que em vinte anos de árbitro nunca tinha assistido a tantas modificações nas leis do jogo, como as que se verificaram este ano.*

*Como é que se adaptou o árbitro português às novas regras?*

MENDES SILVA — Penso que a adaptação foi relativamente boa, apesar da informação sobre as novas leis do jogo tem sido facultada muito em cima do início da época.

A sua análise e o digerir dos novos conceitos foi feita ainda mais tarde.

R.M. — *Quais são as grandes modificações das novas leis do jogo?*

M.S. — A grande modificação passa fundamentalmente pela atribuição da bola em situações injogáveis em "ruck" e "maul".

Há alterações significantes em relação à lei do fora de jogo e ao jogo no solo.

As restantes são basicamente as transformações do pontapé de penalidade em pontapé livre, e da consecção do "marco" em movimento.

A partir de penalidade a equipa não infractora caso pontapeie a bola para fora beneficia da sua introdução.

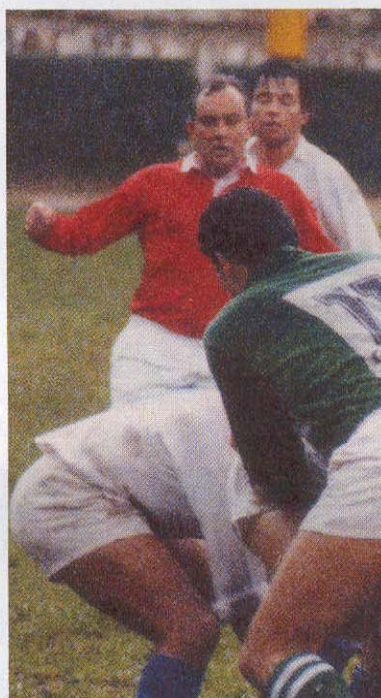
Outra modificação importante é a de a partir de pontapé livre, não haver progressão no terreno quando a bola for chutada directamente para fora.

A par disso ainda houve alterações em relação ao pontapé de saída e

ao passe para a frente intencional, bem como alterações no alinhamento.

R.M. — *Em seu entender quais as grandes modificações que surgiram na forma de arbitrar?*

M.S. — Penso que não tem havido grandes modificações na forma de arbitrar, exceptuando a análise do fora de jogo em jogo aberto.



*Mendes Silva, talvez o melhor Árbitro de 92-93 em acção no Cascais - Belenenses.*

O árbitro tem que ter uma maior mobilidade, sem que isso provoque alterações significativas nos percursos e linhas de corrida dentro de campo.

As situações de "ruck" e "maul" tem que ser arbitradas com maior rigor, especialmente no que se refere à equipa que não tem a posse da bola, que tem uma enorme tendência para impedir a sua saída do "ruck" ou de provocar o desmonoramento do "maul".

**A GRANDE MODIFICAÇÃO  
NA FORMA DE ARBITRAR  
PASSA PELA ANÁLISE  
DO FORA DE JOGO  
EM JOGO ABERTO**

R.M. — *Acha que as alterações*

*produzidas nas leis do jogo tornaram o jogo mais espectacular?*

M.S. — Talvez tenham tornado o jogo mais rápido e aberto, sem no entanto podermos dizer que o tornou mais espectacular.

Julgo que nalgumas situações os jogadores não aproveitam as possibilidades que as novas leis permitem.

**OS JOGADORES  
NÃO APROVEITAM  
AS POSSIBILIDADES  
QUE AS NOVAS  
LEIS PERMITEM**

R.M. — *Tornou-se mais fácil arbitrar com as novas leis do jogo, ou pelo contrário há situações em que o ajuizar e o tomar decisões se tornou mais difícil?*

M.S. — Penso que o grau de dificuldade em arbitrar é idêntico.

R.M. — *Acha que os jogadores se adaptam bem às novas regras?*

M.S. — Os jogadores revelaram (e por vezes ainda revelam) alguma dificuldade inicial, motivada pelo desconhecimento das novas leis. Algumas mecanizações adquiridas ao longo dos anos, ainda fazem que instintivamente se comportem de acordo com as antigas leis. O que me parece mais evidente é que as equipas no seu todo ainda não adaptaram o seu estilo de jogo às novas leis.

Tal facto pode ficar a dever-se a limitações técnicas individuais, ou a deficiências no sistema de treino.

R.M. — *A lei da vantagem, diz-se, faz a diferença entre um bom e um mau árbitro. Concorda?*

*Como é que deve ser arbitrada a vantagem?*

M.S. — É na aplicação da lei da vantagem que o árbitro tem que revelar melhor presença de espírito, capacidade de avaliação muito

rápida, percepção dos acontecimentos e um conhecimento profundo do jogo.

Paralelamente tem que reconhecer as potencialidades de ambas as equipas em confronto, a par de um notável bom senso.

A lei da vantagem existe para beneficiar o jogo sem prejuízo das outras leis ou das equipas em presença.

Em princípio, a atribuição da vantagem é feita com o objectivo de permitir a continuidade do jogo, após falta cometida, numa situação em que de facto o não infractor pode (percepção) imediatamente tirar partido (progressão) dessa ocorrência.

O considerar aquilo que é ou não a vantagem baseia-se em critérios individuais de cada árbitro, mas no meu ponto de vista devemos evitar ao máximo o recuo à marcação da falta, depois da atribuição da vantagem.

Isto exclui, como é óbvio os casos em que nenhuma vantagem objectiva é obtida pela equipa não infractora.

Respondendo à pergunta diria que a diferença entre um bom e um

mau árbitro é enorme, mas não será só devido à lei da vantagem...

## A VANTAGEM DEVE SER DADA NUMA SITUAÇÃO EM QUE HAJA DE FACTO BENEFÍCIO DA EQUIPA NÃO INFRACTORA

R.M. — *O alinhamento tornou-se mais fácil de arbitrar, ou pelo contrário o ajuizar das infracções continua muito difícil?*

M.S. — *É mais fácil devido à maior distância existente entre os jogadores de cada equipa.*

R.M. — *O que o leva a ser árbitro de rugby em Portugal?*

M.S. — *O meu objectivo é participar no rugby de alguma forma. Penso que a forma como assumo mais o jogo é arbitrando.*

R.M. — *Que conselhos dá aos nossos praticantes, na sua relação e postura perante as arbitragens?*

M.S. — *Não dou conselhos aos jogadores, mas sim aos formadores que têm um papel fundamental na consciencialização dos jogadores sobre o papel do árbitro. Não me posso queixar pessoalmente, mas pelo que temos assistido ultimamente, a a disciplina e educação desportiva dentro e fora de campo não são flor que se cheire...*

R.M. — *A breve trecho vamos ter que ter mais e melhores árbitros? Como é que vamos tornar esse desejo realidade?*

M.S. — *a Federação através da comissão de arbitragem terá que desenvolver acções dinamizadoras para chamar novos elementos para a arbitragem.*

No entanto este trabalho terá que contar com a colaboração dos clubes, que devem motivar elementos seus a aderir à arbitragem. É necessário obter a quantidade bastante para dela se poder extrair a qualidade suficiente para ajudar a evolução "esperada" do nosso rugby.

## RUGBY MAGAZINE

# CINQUENTA E OITO ANOS DE JOGOS INTERNACIONAIS

|          |                       |       |            |          |                           |       |                     |
|----------|-----------------------|-------|------------|----------|---------------------------|-------|---------------------|
| 13-04-35 | PORTUGAL - ESPANHA    | 5-6   | LISBOA     | 10-03-84 | PORTUGAL - ESPANHA        | 6-6   | LISBOA              |
| 28-04-36 | ESPAÑA - PORTUGAL     | 16-9  | MADRID     | 24-03-84 | PORTUGAL - HOLANDA        | 21-3  | COIMBRA             |
| 05-04-54 | ESPAÑA - PORTUGAL     | 23-0  | MADRID     | 05-04-84 | BÉLGICA - PORTUGAL        | 9-12  | BRUXELAS            |
| 01-05-65 | PORTUGAL - ESPANHA    | 9-12  | LISBOA     | 08-04-84 | DINAMARCA - PORTUGAL      | 3-40  | COPENHAGUE          |
| 27-03-66 | ESPAÑA - PORTUGAL     | 3-9   | MADRID     | 17-03-85 | MARROCOS - PORTUGAL       | 6-12  | RABAT               |
| 24-04-66 | BÉLGICA - PORTUGAL    | 3-3   | BRUXELAS   | 18-04-85 | PORTUGAL - CHECOSLOVÁQUIA | 18-0  | LISBOA              |
| 26-03-67 | PORTUGAL - ESPANHA    | 5-0   | LISBOA     | 28-04-85 | PORTUGAL - POLÓNIA        | 14-0  | LISBOA              |
| 07-05-67 | ITÁLIA - PORTUGAL     | 6-3   | GÉNOVA     | 02-10-85 | PORTUGAL - ZIMBABWE       | 18-17 | LISBOA              |
| 14-05-67 | PORTUGAL - FRANÇA     | 14-56 | LISBOA     | 22-02-86 | PORTUGAL - ROMÉNIA        | 14-34 | BARREIRO            |
| 28-05-67 | PORTUGAL - ROMÉNIA    | 6-46  | LISBOA     | 22-03-86 | PORTUGAL - FRANÇA         | 18-60 | LISBOA              |
| 31-03-68 | ESPAÑA - PORTUGAL     | 14-5  | MADRID     | 13-04-86 | ITÁLIA - PORTUGAL         | 26-24 | JESI                |
| 21-04-68 | PORTUGAL - BÉLGICA    | 8-6   | LISBOA     | 26-04-86 | TUNÍSIA - PORTUGAL        | 19-17 | TUNIS               |
| 05-05-68 | PORTUGAL - MARROCOS   | 6-6   | LISBOA     | 17-05-86 | PORTUGAL - URSS           | 3-29  | BARREIRO            |
| 12-05-68 | PORTUGAL - ITÁLIA     | 3-17  | LISBOA     | 18-10-86 | ROMÉNIA - PORTUGAL        | 43-7  | BIRLAD              |
| 23-03-69 | PORTUGAL - ESPANHA    | 11-15 | BARREIRO   | 18-01-87 | PORTUGAL - ITÁLIA         | 3-41  | LISBOA              |
| 20-04-69 | MARROCOS - PORTUGAL   | 15-6  | CASABLANCA | 08-02-87 | FRANÇA - PORTUGAL         | 38-6  | ST. VINCENT TYROSSE |
| 05-04-70 | HOLANDA - PORTUGAL    | 9-9   | HILVERSUM  | 04-04-87 | ZIMBABWE - PORTUGAL       | 35-9  | HARARE              |
| 12-04-70 | PORTUGAL - MARROCOS   | 8-9   | BARREIRO   | 11-04-87 | ZIMBABWE - PORTUGAL       | 50-9  | HARARE              |
| 20-12-70 | ESPAÑA - PORTUGAL     | 17-0  | MADRID     | 18-04-87 | PORTUGAL - TUNÍSIA        | 9-12  | LISBOA              |
| 20-02-72 | ITÁLIA - PORTUGAL     | 04-0  | PÁDUA      | 09-05-87 | URSS - PORTUGAL           | 50-6  | KARKOV              |
| 02-04-72 | PORTUGAL - ITÁLIA     | 7-15  | LISBOA     | 13-12-87 | PORTUGAL - BÉLGICA        | 7-13  | LISBOA              |
| 25-02-73 | PORTUGAL - ITÁLIA     | 9-6   | COIMBRA    | 21-02-88 | PORTUGAL - HOLANDA        | 16-9  | LOUSÁ               |
| 08-04-73 | JUGOSLÁVIA - PORTUGAL | 3-3   | MAKARSKA   | 17-04-88 | PORTUGAL - ALEMANHA       | 13-9  | ARCOS DE VALDEVEZ   |
| 11-04-73 | SUIÇA - PORTUGAL      | 4-23  | NEUCHÂTEL  | 08-05-88 | JUGOSLÁVIA - PORTUGAL     | 9-22  | SPLIT               |
| 22-04-73 | POLÓNIA - PORTUGAL    | 35-13 | VARSÓVIA   | 05-04-89 | HOLANDA - PORTUGAL        | 23-17 | HILVERSUM           |
| 13-05-73 | PORTUGAL - POLÓNIA    | 13-3  | COIMBRA    | 08-04-89 | BÉLGICA - PORTUGAL        | 15-15 | BRUXELAS            |
| 10-02-74 | PORTUGAL - ITÁLIA     | 3-11  | LISBOA     | 22-04-89 | PORTUGAL - JUGOSLÁVIA     | 13-9  | LOUSÁ               |
| 07-04-74 | RFA - PORTUGAL        | 20-10 | HANOVER    | 30-04-89 | RFA - PORTUGAL            | 30-15 | HANOVER             |
| 27-03-79 | PORTUGAL - SUIÇA      | 31-0  | LISBOA     | 01-10-89 | CHECOSLOVÁQUIA - PORTUGAL | 13-15 | PRAGA               |
| 28-02-81 | PORTUGAL - SUIÇA      | 39-0  | LISBOA     | 07-10-89 | PORTUGAL - HOLANDA        | 3-32  | METZ                |
| 05-04-81 | PORTUGAL - BÉLGICA    | 15-7  | COIMBRA    | 24-03-90 | PORTUGAL - MARROCOS       | 16-10 | PORTO               |
| 15-05-81 | DINAMARCA - PORTUGAL  | 16-45 | COPENHAGUE | 21-04-90 | NAMÍBIA - PORTUGAL        | 88-9  | WINDHOEK            |
| 17-05-81 | SUÉCIA - PORTUGAL     | 10-15 | TRELLEBORG | 25-05-90 | BÉLGICA - PORTUGAL        | 12-24 | WATERLOO            |
| 21-03-82 | PORTUGAL - MARROCOS   | 7-26  | LISBOA     | 26-05-90 | PORTUGAL - TUNÍSIA        | 12-6  | LISBOA              |
| 28-03-82 | PORTUGAL - ESPANHA    | 13-32 | LISBOA     | 28-10-90 | ESPAÑA - PORTUGAL         | 29-6  | SEVILHA             |
| 17-04-82 | PORTUGAL - TUNÍSIA    | 13-16 | LISBOA     | 23-03-91 | PORTUGAL - ANDORRA        | 33-15 | COIMBRA             |
| 25-04-82 | HOLANDA - PORTUGAL    | 12-16 | HILVERSUM  | 20-04-91 | TUNÍSIA - PORTUGAL        | 16-10 | TUNIS               |
| 28-04-82 | POLÓNIA - PORTUGAL    | 38-13 | LODZ       | 04-05-91 | MARROCOS - PORTUGAL       | 13-12 | CASABLANCA          |
| 26-03-83 | ESPAÑA - PORTUGAL     | 25-4  | MADRID     | 24-05-91 | PORTUGAL - NAMÍBIA        | 12-34 | LISBOA              |
| 10-04-83 | HOLANDA - PORTUGAL    | 6-13  | HILVERSUM  | 28-03-92 | ANDORRA - PORTUGAL        | 6-29  | ANDORRA             |
| 30-04-83 | PORTUGAL - POLÓNIA    | 4-6   | LISBOA     | 11-04-92 | PORTUGAL - MARROCOS       | 15-0  | LISBOA              |
| 21-05-83 | PORTUGAL - SUÉCIA     | 17-9  | LISBOA     | 26-04-92 | TUNÍSIA - PORTUGAL        | 18-16 | LISBOA              |

# PORTUGAL VENCE ESPANHA

A selecção nacional dos juniores venceu no pretérito dia 27 de Fevereiro a sua congénere espanhola por 15-12, com 0-12 ao intervalo.

Foi uma vitória merecida que abre boas perspectivas para a participação portuguesa no campeonato do mundo (4 a 11 de Abril, em Lille). Esta vitória lusa, a primeira em vários anos, foi perfeitamente justificada.

O jogo em si foi totalmente condi-

Tentaram jogar à mão, o que nalgumas situações conseguiram, levando quase sempre o perigo às linhas contrárias.

## SEGUNDA METADE TODA VERDE

Na segunda metade da partida o comando das operações coube por inteiro à turma portuguesa. Tácticamente, jogou muito bem,

colocando sistematicamente através do jogo ao pé a bola nos 22 contrários.

A partir daí, jogou à mão variando sempre a forma de utilização do oval.

Não fosse a ligeira quebra, perfeitamente justificada, do "pack" avançado, e os números finais poderiam ter tomado outra côr.

Neste período de intenso domínio táctico, técnico e territorial os portugueses marcaram dois ensaios,



Caixa Geral de Depósitos, o patrocinador oficial da selecção de juniores

cionado pelo forte vendaval que se fez sentir no Estádio Nacional.

Na primeira metade os espanhóis beneficiaram do vento favorável, e tiveram algum domínio territorial. Obtiveram dois ensaios muito consentidos pela defesa portuguesa. Um na sequência de um "maul" em que a formação espanhol se limitou a receber a bola e a cair na área de validação.

O outro foi obtido na sequência de um alinhamento, e numa jogada de 1ª fase.

São erros que a turma nacional não poderá voltar a cometer.

Há no entanto dois factos a reter, desta primeira parte jogada em condições tão adversas.

Em primeiro lugar o "pack" avançado teve um excelente comportamento, com esforços redobrados na paragem do "pack" adversário nunca permitindo que os espanhóis fizessem movimentos perfurantes ao nível do bloco avançado. Por outro lado as linhas atrasadas não se limitaram a defender, o que fizeram bem exceptuando a situação já referenciada do segundo ensaio espanhol.



Gago (Capitão da Selecção de Juniores) e José Cunha disputam uma bola no Portugal-Espanha.

um dos quais transformado e uma penalidade.

Julgamos que este "quinze" júnior tem um bom potencial podendo a

médio prazo fornecer alguns jogadores à equipa nacional.

Pensamos que esta partida poderia ter sido mais favorável às cores



Francisco Rocha abre a bola pressionado por vários espanhóis.

nacionais, caso o vento não se tivesse feito sentir daquela forma quase ciclónica.

Neste encontro com a Espanha a turma nacional alinhou e marcou: Fernando Esteves (Belenenses), Bruno Conceição (Belenenses) depois Rodrigo Cirilo (Técnico), Tiago Esteves (Belenenses) depois Tiago Cruz (CDUP) André Cunha (Belenenses), Melo e Castro (Direito), Pedro Silva (Cascais) depois Nuno Neto (CRAV), José Cunha (Belenenses), João Gago (Capitão) (Belenenses), Francisco Rocha (CDUP) depois João Diogo (Belenenses), Pedro Biscaia (3,2) (Direito), Leotte (5,5) (Direito), Murinelo (Cascais) depois Miguel Barbosa (Belenenses), Sérgio Azevedo (Direito), Marvão (Belenenses), Rui Cardoso (Cascais).

No escalão, juvenil os espanhóis venceram Portugal por claros 51-10, com 26-0, ao intervalo.

**RUGBY**  
MAGAZINE

## O "QUINZE" DO ANO

Rugby Magazine decidiu eleger o "quinze" do ano, solicitando a colaboração de vinte e cinco pessoas na sua eleição. Foram convidados todos os técnicos da 1ª divisão, jornalistas, seleccionadores nacionais, a par de algumas personalidades do rugby nacional.

Infelizmente só recebemos onze respostas completas. César Pegado e José Cordovil declinaram amavelmente o convite, em virtude de considerarem não ter visto o número de jogos suficientes para se pronunciarem.

Esperemos que em próximas iniciativas a adesão seja maior.

O "quinze" do ano ficou assim ordenado:

- 1 — Eduardo Macedo (Académica) (7 votos)
- 2 — João Rocheta (Belenenses) (5 votos)
- 3 — Luís Luís (Cascais) (10 votos)
- 4 — Pedro Rogério (Cascais) (6 votos)
- 5 — José Luís Rodrigues (CDUL) (7 votos)
- 6 — António Cunha (Belenenses) (8 votos)

- 7 — Jorge Herédia (Cascais) (7 votos)
- 8 — Luther (Benfica) (3 votos)
- 9 — João Jonet (Cascais) (10 votos)
- 10 — João Queimado (Benfica) (10 votos)
- 11 — Nuno Durão (Cascais) (5 votos)
- 12 — Tomás Morais (Cascais) (10 votos)
- 13 — Rodrigo Castro Pereira (Cascais) (7 votos)
- 14 — Pedro Murinelo (Cascais) (7 votos)
- 15 — Vilar Gomes (Cascais) (10 votos)

Foram ainda votados Braga (CDUL) (1), Carlos Jorge (Cascais) (1), João Pedro (CDUL) (1), Nuno Morais (Cascais) (4), Paulo Silva (CDUL) (1), Artur Freitas (Cascais) (1), Simão Cunha (Belenenses) (6), FreuDenthal (Belenenses) (1), Rodrigo França (Técnico) (1), Esteves (CDUL) (1), Maurício (CDUL) (1), Alexandre Lima (Cascais) (2), José Pires (Académica) (5), Francisco Borges (Belenenses) (3),

Trigo Morais (Benfica) (1), Lourenço Tomás (CDUL) (5), Nuno Mourão (Agronomia) (1), Vasco Durão (Cascais) (1), Nuno Tomás (CDUL) (2), Alfredo Simões (Técnico) (2).

Luther e Francisco Borges receberam o mesmo número de votos. A direcção de Rugby Magazine decidiu desempatar a favor do jogador do Benfica.

O mesmo aconteceu entre Nuno Durão e Lourenço Tomás. Aqui não houve necessidade de desempatar, uma vez que o jogador de Cascais recebeu mais dois votos, em outras tantas posições (médio de abertura e defesa).

Nenhum jogador recebeu a unanimidade dos votantes. Os mais votados foram Luís Luís, João Jonet, João Queimado, Tomás Morais e Vilar Gomes.

Foram votados jogadores, dos seis clubes participantes na fase final do campeonato nacional. No entanto no "quinze" do ano só se encontram jogadores de quatro clubes. Nesta eleição foram votados trinta e quatro jogadores de sete clubes diferentes.



# TLP, S.A. E RUGBY UMA LIGAÇÃO DURADOURA



**Mantivemos com o Dr. Santos Serra, Director dos TLP, S.A. para as áreas de marketing, imagem e comunicação uma animada conversa que se centrou no tema rugby e no apoio que a empresa tem dado à modalidade.**

RUGBY MAGAZINE— *Os TLP, S.A. surgem numa primeira fase ligados ao rugby, através do patrocínio às cores nacionais. Como surge a ideia de formar equipas de rugby na empresa? Tem este projecto sido uma aposta ganha?*

Dr. SANTOS SERRA — A ligação do rugby surge na sequência da autonomização da empresa. A nova administração criou um plano de imagem que possibilitasse o relançamento da empresa, uma vez adquirido o estatuto de S.A. Neste plano de imagem havia uma rubrica denominada patrocínios desportivos. Dentro dessa rubrica definiam-se linhas orientadoras sobre as características das modalidades desportivas, em função das características que a empresa apostava para se relançar. Nesta conformidade o rugby apareceu como modalidade seleccionada, uma vez que possuía as características que nós gostaríamos de ver nos TLP, S.A.: espírito

de grupo, iniciativa, força colectiva e coesão.

Eram estas as características que queríamos ver nos novos TLP, S.A.

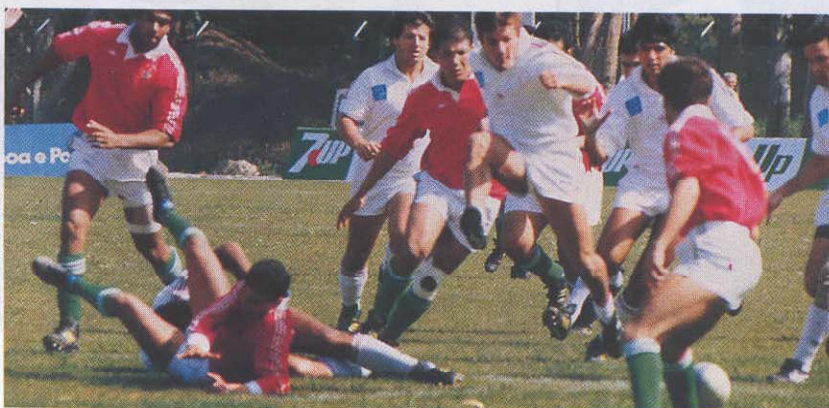
Os TLP, S.A., dada a sua dimensão institucional não podem nem devem apoiar clubes pelos motivos sobejamente conhecidos por todos.

Foi assim que os TLP, S.A. se associaram à FPR onde existia e existe uma direcção dinâmica, apostada na evolução do rugby em Portugal.

Daí que tenhamos nesta 1ª fase “casado” com a FPR em prol do crescimento do rugby em Portugal, já que esse crescimento também seria estender ao relacionamento que os próprios TLP, S.A. estavam a ter em termos de crescimento. É esta a primeira fase da ligação rugby-TLP, S.A., que se consubstancia no apoio à selecção nacional de seniores.

A 2ª fase consistia naturalmente em os TLP, S.A. constituírem um elemento dinamizador no próprio interior da modalidade.

Daí o envolvimento total com a modalidade criando o rugby nos TLP, S.A., que começaram a ter equipas nos escalões jovens participando em termos competitivos em várias provas da modalidade. Daí que tenhamos feito um projecto de curto e médio prazo que se edificou graças à colaboração activa dos trabalhadores dos TLP, S.A. quer através da sua prestação nos tempos livres, quer através da aderência dos seus filhos como praticantes da modalidade.



**OS TLP, S.A.  
JÁ ESTÃO IMPLANTADOS  
NO RUGBY  
O PRÓXIMO PASSO  
É CRIAR  
INSTALAÇÕES PRÓPRIAS**

Neste momento e fazendo um balanço, esta 2ª fase do projecto TLP, S.A.-Rugby foi coroada de sucesso já que hoje temos num clube, seccionistas, dinamizadores, monitores e jogadores fazendo parte da família TLP, S.A.

Numa 3ª fase perspectivada a médio prazo, os TLP, S.A. continuarão a promover a modalidade no país, criando os TLP, S.A. instalações próprias sendo a consolidação e desenvolvimento do rugby na empresa.

Propomo-nos, com a nossa experiência fazer com que outras empresas adiram ao fenómeno rugby, de modo a que a modalidade se expanda e atinja outra dimensão no fenómeno desportivo nacional.

R.M. — *TLP, S.A.-FPR — um “casamento” até quando?*

S.S. — Este casamento manter-se-á enquanto a FPR tiver as condições necessárias e suficientes que possibilitem a existência desse mesmo casamento.

Os TLP, S.A. estão com a selecção há três anos e o que é certo é que deste “casamento” já nasceu os TLP-Clube, havendo um entendimento perfeito em todos os sentidos com a actual direcção federativa.

# Alta performance em segurança...



**BDF medipharm**

Apartado 9, 2746 QUELUZ CODEX. Telefone PPCA 435 61 71

Contacto: Cardoso Cruz



1882  
(68)\*

1902  
(3 241)\*

1932  
(23 652)\*

1962  
(244 975)\*

1992  
(1 481 466)\*

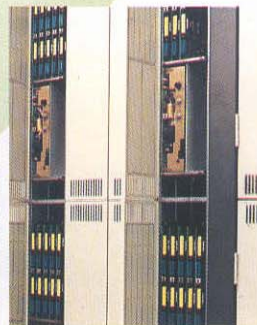
\* N.º de linhas telefónicas instaladas.

# EVOLUÍMOS PARA O TERCEIRO MILÉNIO

Dentro de 7 anos vamos mudar de século e vamos entrar no terceiro milénio.

Uma Era de exigências triplicadas. Um ponto alto na história do Homem. Sabemos que tudo o que evolui tem uma finalidade: a perfeição.

E é por isso que não paramos e crescemos cada vez mais. Em qualidade tecnológica e em prestação de serviços. Desenvolvemos capacidades e investimos em chegar mais longe. Para nós, o futuro está mais perto.



Telefones de Lisboa e Porto, SA